

O biográfico frente aos paradigmas das Ciências Sociais: Nelson Werneck Sodré, um pensador brasileiro

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros – Antropóloga¹

Trabalhando vida e obra de pensadores brasileiros, tenho debatido metodologias e paradigmas das Ciências Sociais e de histórias de vida, principalmente instigada pelo silêncio universitário sobre o método dialético de análise do social. A tendência cada vez mais dominante nas Universidades brasileiras é de um tecnicismo subserviente às determinações do Banco Mundial, de produtivismo regulado e avaliado pelas empresas indexadoras norte americanas – SCOPUS e ISI. No Brasil, para O CNPQ e a CAPS o órgão indexador é o SCIELO, rígido seguidor de todas as normas norte-americanas para avaliar a produção universitária brasileira. Neste processo, a Universidade se distancia cada vez mais dos debates e se produz trabalho para ser aprovado pelas agências indexadoras da produção de professores e alunos, o que contribui para que se evite, para estudos biográficos, a escolha de temas e personalidades intelectuais do pensamento social brasileiro, que signifiquem ou tenham significado pensamento crítico ao estabelecido sistema sócio político econômico neoliberal.

Seguindo uma categoria da Literatura, proposta por Ortega y Gasset, de “Problemática Intergeracional”, tenho estudado, a partir do jovem poeta Castro Alves (1847-1871) – Abolicionista contra a escravatura e republicano contra a monarquia no Brasil, intelectuais que representaram, em cada geração, desde o século XIX, a visão crítica da sociedade de seu tempo. Feita a escolha dessa problemática intergeracional, estudei vida e obra de intelectuais brasileiros ativistas do nacionalismo, anarquismo e comunismo, tanto civis como militares, embora governantes com os Aparelhos de Estado, desde a revolução russa de 1917, tenham classificado todos como comunistas. Esse método de trabalho com a problemática intergeracional é explicado por Carlos Reis, no livro *Técnicas de análise textual*, quando afirma no capítulo Sociologia da Literatura:

“O conceito de geração literária depende de uma interpretação como que micro coletivista da criação, compreendida também pela faceta da sociologia da literatura que agora abordamos, e não, quanto a nós, pela história literária como por

¹ Doutorado em Ciências Sociais. Pós-Doutorado em Antropologia e em Ciência da Literatura.

vezes aparece escrito... a análise da obra literária orienta-se sobretudo no sentido de detectar, num círculo relativamente restrito de escritores dotado de dinâmica própria, uma efetiva comunhão de preocupações sociais, anseios históricos e diretrizes estético-literárias, sistematicamente projetadas nos textos particulares de cada componente da geração que elabora e quase sempre motivadas a partir das características específicas que marcam o macro-contexto econômico e sociopolítico que rodeia essa geração.” [1]

O autor cita ainda Ortega y Gasset, para quem a problemática é compromisso entre massa e indivíduo, “*uma emanção de circunstancialismos sociológicos globais*”. [2] Consequentemente, a problemática geracional não é um conceito apenas literário. Considere-se ainda a posição de Gramsci para quem as circunstâncias de uma época não atingem todos os homens na mesma dimensão, nem somente essas atingem as pessoas. As experiências aprendidas nas obras de outras gerações constituem experiências vividas intelectualmente, e exercem influência sobre os homens e mulheres de outras épocas, de outras gerações.

Partindo da metodologia Etnográfica, tenho desenvolvido trabalhos que, não se completando como biografias dos autores pesquisados, se configuram como “perfis de intelectuais na sociedade de seu tempo”, para o que estudo as características estruturais da sociedade em que viveu cada personagem, recorrendo às análises das instâncias econômicas, políticas e sociais de suas vivências na sociedade brasileira. Para completar o perfil de cada personagem estudado, recorro ao estudo documental, à história oral, aos métodos de estudo de memória e esquecimento, à análise de suas obras intelectuais e práticas, isto é, procuro compreender as ações vivenciais e intelectuais dos indivíduos pesquisados, considerando suas posições sociais, econômicas e ideológicas no mundo de seu tempo. Perfis muito singulares, esses pensadores tiveram, porém uma característica em comum: Buscaram a construção de uma sociedade saneada de preconceitos de raça e gênero, dominação econômica, intelectual, religiosa e política, onde a educação teria papel fundamental.

Leitora assídua da obra literária de autores russos como Dostoievski, Tolstoi, Andreiev, Tchekhov, Gorki e dos franceses Victor Hugo, Balzac, George Sand, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, em minha adolescência fui muito influenciada por personagens literárias como Ana Karenina e Madame Bovary, o que me levou à leitura de biografias de cientistas (Madame Curie e outros), revolucionários (Robespierre, Trotski), músicos (Liszt,

Chopin), o adagiário de grandes mártires e outros personagens glorificados desde a antiguidade clássica, principalmente pelo teatro grego.

Nos estudos de Ciências Sociais a presença maior foi de Marx e do grupo da Nouvelle Vague francesa – Garaudy, Lucien Goldman, Sartre que me levou a Frantz Fanon, mas principalmente Antonio Gramsci, embora clássicos como Durkheim e Weber sejam leituras a que se recorre em toda análise comparativa de fenômenos sociais, como ocorre em relação a Marcel Mauss, Malinowski, Lévy Strauss e os novos reformadores de paradigmas científicos – Edgar Morin, Bauman, Bourdieu, George Steiner etc.

Nos debates sobre os paradigmas das Ciências Sociais, opto pelas assertivas de Sartre, Gramsci, interpretações dos problemas sociais desenvolvidas por autores brasileiros como Arthur Ramos e Josué de Castro, esses dois últimos contemplados metodologicamente, nos debates contemporâneos contidos nos paradigmas defendidos por Edgar Morin, em obras como “Ciência Com Consciência”. Refutando a afirmação defendida por Max Weber e universalizada na sociedade contemporânea, da neutralidade científica, os autores citados discutem os males de seu tempo, precisamente desde o século XIX, com o avanço da ciência e da tecnologia e a existência da degradação social, com analfabetismo, doenças, degradação do meio ambiente, desemprego, fome e guerras, negações das promessas do bem estar social e humano advindos do progresso científico e tecnológico, segundo seus apologistas, o ápice da racionalidade.

O biográfico, enquanto ramo das Ciências Humanas, está no cerne dos debates dos limites entre História, Literatura e Ciências Sociais e, por sua tentativa de dar conta das trajetórias de vida de indivíduos, se cruza com a psicologia e a psicanálise. O estudo do biográfico se compõe de vários tipos de análise sobre a arte e a ciência do biografar, levando Michel Vovelle a, em *De la biographie à l'étude de cas*. In *Problèmes et méthodes de la biographie*, afirmar: “Cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais(...), o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe”. A citação diz respeito às argumentações do autor sobre o uso do método estatístico na narrativa biográfica, concluindo: “A infinidade de combinações possíveis a partir de experiências estatisticamente comuns às pessoas de um mesmo grupo determina assim a ‘infinidade de diferenças singulares’ e também ‘a conformidade e estilo’ do grupo”. Para Giovanni Levi (*Annales*, Paris (6): 1.325-36, Nov./déc.1989), este tipo de biografia se

denomina modal. Para ele, nesse caso a biografia não é nesse caso “*a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo*”.

Pierre Bourdieu, em *Esquisse d'une théorie de la pratique*, (Genève; Paris, 1972: 186-9), segundo Giovanni Levi, “*trata a biografia como no fundo a relação entre habitus de grupo e habitus individual, que remete à seleção entre o que é comum e mensurável, ‘o estilo próprio de uma época ou de uma classe’, e o que diz respeito à ‘singularidade das trajetórias sociais’: na verdade é uma relação de homologia, isto é, de diversidade na homogeneidade, que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção e que une os habitus singulares dos diferentes membros de uma mesma classe*”.

Considerando o contexto vivido pelo personagem que estudo, não me ateno à especificidade dos hábitos de classe e de grupo aos quais pertence. Dando voz a outros sujeitos com quem o personagem estudado cruza experiências cotidianas em relações com companheiros de grupo e com pessoas comuns de outros grupos e classes sociais, amplio o conceito de contexto para o local, regional, nacional e internacional, quando é um pensador como Nelson Werneck Sodré (27/04/1911-14/01/1999) que, como intelectual civil e militar, mereceu o maior prestígio na vida intelectual, militar e de atuação política – como escritor, jornalista, professor e general do exército brasileiro. Se pensássemos em empregar esse método de Giovanni Levi e Bourdieu, não se poderia traçar o perfil de um personagem tão singular, porque suas características pessoais são tão estranhas ao meio militar, seu grupo de profissão, que não se poderia encontrar coerência em sua trajetória de vida, o mesmo se verificando no meio civil, por suas posturas inflexíveis no que dizia respeito a seus conceitos e valores como integridade de caráter, cumprimento do dever, fidelidade a princípios e capacidade de resistência aos imprevistos no campo das lutas sociais. É como se o militar fosse o civil nas lutas pela liberdade, a justiça e a lei, e o civil fosse o militar no cumprimento dos deveres em qualquer luta nacionalista. Nascido no Rio de Janeiro em família de classe média intelectualizada porém desprovida de recursos até para pagar os estudos da criança Nelson, este se encaminha à vida militar, que lhe garantiria o provimento, possibilitando-lhe o desenvolvimento intelectual almejado desde a infância, quando inicia o hábito de frequentar assiduamente a Biblioteca Pública de Copacabana e dos colégios que frequentou.

O aporte teórico para o entendimento de sua variedade de habitus (Bourdieu) sociais e de classe recebo de Sartre que, formado nas concepções marxistas de mundo, e sendo membro

do Partido Comunista Francês, rompe com o dogmatismo existente na interpretação marxista da sociedade a partir da ideia de determinismo das condições materiais, para proclamar o papel dos indivíduos agindo, por seu livre arbítrio e suas experiências vividas, sobre essas determinações. Fortemente influenciado pela psicanálise freudiana, vai desenvolver o “existencialismo marxista”, utilizando instrumental teórico da antropologia, história, filosofia, sociologia e psicanálise, falando do papel do homem na sociedade e de sua relativa autonomia face às condições materiais de existência, dando sua contribuição à estrutura social de seu tempo, principalmente no livro *Questão de Método*, suas entrevistas e ideias filosóficas, defendidas em obras como *As Palavras*, *Reflexões sobre o racismo*, *O Existencialismo é um Humanismo*. Nas décadas de sessenta e setenta do século passado a juventude universitária repetia sua frase mais evocada: *O importante não é o que a vida fez de você, mas o que você permitiu que a vida fizesse de você!*

Antonio Gramsci, autor italiano, fundador do Partido Comunista em seu país, é crítico contundente do dogmatismo doutrinário da leitura partidária da obra de Marx, acusando sua interpretação de determinação absoluta da infraestrutura sobre os homens e a sociedade e a concepção de superestrutura como reflexo daquela, de “economicismo vulgar”. Ressaltando a superestrutura, defende a ação dos homens em sua busca ideológica de utopias, o que incita sua capacidade de enfrentamento com as estruturas de dominação, na luta pela construção de uma sociedade desprovida de dominação, seja econômica, portanto material, ou de qualquer instância do social. Criando a categoria intelectuais orgânicos da classe dominada, Gramsci supera a fatalidade da gênese de classe para alguém representar as classes dominadas, lutando contra a hegemonia e a dominação da classe dominante. O intelectual que desenvolve obras de contra hegemonia do discurso da dominação, procedendo dialeticamente ao desmascaramento desse discurso, à luz da materialidade da existência, isto é, da realidade social, é um intelectual orgânico da classe dominada. Para esses dois autores, portanto, o homem não é um objeto da história, mas um sujeito histórico, atuando na realidade da cultura existencialmente vivida e aprendida através da transmissão cultural, intra e intergeracional. A maneira própria de cada intelectual viver seu tempo, identificando-se com seus coetâneos e ideias e ações de homens de outras épocas se realiza através de escolhas ideológicas, determinando a singularidade de sua existência, o que significa também a possibilidade do traçado de seu perfil, pelo estudo da orientação ético-humana de suas escolhas pessoais e constructo intelectual sobre as problemáticas econômicas, sociais, políticas, éticas e culturais de seu tempo. Neste meu “traçado de perfis” não faço análises psicológicas e psicanalíticas

dos indivíduos pesquisados, elementos muito bem utilizados pelos grandes biógrafos. Portanto, não escrevo biografias dos personagens, uma vez que não tento analisar e entender motivações pessoais, para além do contexto social vivido, as atitudes, decisões tomadas pelos intelectuais. Tendo vivido o século XX, escrevendo dos treze aos oitenta e oito anos de idade, Nelson Werneck Sodré participou ativamente da história do Brasil, como sujeito histórico, intelectualmente articulado com os acontecimentos nacionais e internacionais, dedicando-se, nos últimos anos de existência, ao combate ao neoliberalismo e à globalização, terminologia que denunciava como palavra mascaradora do velho imperialismo, termo por demais conhecido, decodificado e combatido entre os povos explorados do planeta. Em *A Farsa do Neoliberalismo*, publicado em 3ª edição em 1996, portanto dois anos antes de seu falecimento, Sodré faz rigoroso exame da situação sócio política e econômica da humanidade, principalmente do Brasil, no livro dividido em oito capítulos e trinta subcapítulos. Para se conhecer as preocupações do autor com o mundo de seu tempo, vale a pena nomear inicialmente os capítulos: Introdução; As Formas De Exploração Sobre O Brasil; A Impostura da Modernidade; A Cruzada Contra As Estatais; O Mito Do Mercado; Autópsia Do Neoliberalismo; O Papel da ECO-92 e Remate De Males. Dos subcapítulos, destaco os mais contundentes: O faz-de-conta da globalização; A farsa do neoliberalismo; A troca desigual; A exploração pelos investimentos; A dívida externa; A proposta neoliberal; A destruição da soberania; Assalto aos cofres públicos; Interesses antinacionais; O controle da mídia; A pressão imperialista; Penalização do trabalho; A questão da democracia. Esses artigos foram escritos após 1985, quando Sodré doou o acervo de sua biblioteca à Biblioteca Nacional, com sua produção intelectual até aquele ano. Primoroso arquivologista, o autor recortou e afixou em folhas iguais, todos seus artigos com referências, em fichários, inclusive explicações sobre textos publicados e inéditos. Naquela data havia publicado 57 livros. Em 2011, para comemorar seu centenário de nascimento, organizei equipe e procedemos à leitura e transformação em verbetes de seus 2682 artigos publicados no Brasil, em jornais e periódicos. Organizamos o material em livro de 695 páginas, intitulado *Arquivo Nelson Werneck Sodré Catálogo da Obra Jornalística*, publicado pela Editora do Senado Federal, Brasília, 2012. Na ocasião, o funcionário da Biblioteca Nacional, Pedro Lopera, localizou os originais datilografados de outra obra, perfazendo um total de 58 livros escritos.

Nelson Werneck Sodré, enquanto jornalista, atuou em seções de Crítica Literária, Economia, Política, História da Imprensa, Educação, Teoria da Comunicação, Nacionalismo, História do Brasil, Ideologia Colonialista. Quando ingressou no Colégio Militar no Rio de

Janeiro em 1924, aos 13 anos de idade, encontrou a Revista *Aspiração*, dirigida pelos estudantes, passando a frequentar o grupo responsável pela direção e redação dos trabalhos, publicando seu primeiro artigo no fim do ano, antes de completar 14 anos. Preparando-se para a vida militar, se torna ativo dirigente e articulista de *A Aspiração* e, já na Escola Militar do Realengo, no início dos anos trinta, vai atuar intensamente na *Revista da Escola Militar*, seja como articulista, seja como seu dirigente. Aos 18 anos, em 1929, é premiado pela revista *O Cruzeiro*, pelo conto *Satânia*, porém ingressa efetivamente na carreira de jornalista em 1934, ao se tornar colaborador do *Correio Paulistano*, onde manteve coluna de Crítica Literária durante vinte e cinco anos, sem nunca haver interrupção. Mais tarde ele afirmaria nunca haver recebido pagamento pelo trabalho, a não ser a doação do livro que seria resenhado. Quatro anos após a existência dessa coluna, Sodré publica, em 1938, *História da Literatura Brasileira*. Desde o Colégio Militar, incentivado por seu professor de História, Isnard Dantas Barreto, revelou-se um apaixonado por essa disciplina, que considerava a principal ciência. Foi professor de História na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), de 1948 a 1950, quando se afasta para compor a chapa do General Horta Barbosa (candidato a presidente) para a diretoria do Clube Militar, tendo assumido, com a vitória da chapa, a direção do Departamento Cultural, passando a dirigir a Revista do Clube Militar.

Eram tempos de luta pela defesa do monopólio estatal do petróleo, na campanha “O Petróleo É Nosso”, da qual resulta a criação da PETROBRAS. A campanha que galvanizou o maior contingente de professores, estudantes, operários, jornalistas e da população em geral, teve, sob o comando do General Horta Barbosa, a maior adesão militar, derrotando, dentro do Clube Militar, aqueles adeptos da teoria de que o petróleo deveria ter sua exploração entregue ao capital estrangeiro. Num clima de radicalização, os generais e oficiais derrotados procuraram estigmatizar os vitoriosos, em plena Guerra Fria, com a acusação de comunistas, principalmente a Revista do Clube Militar, com predominância de artigos e debates auto nominados Nacionalistas, em defesa da Soberania Nacional. Para estes, os que defendiam a entrega do petróleo ao capital estrangeiro, eram os Entreguistas, acirrando-se os ânimos violentamente, contidos todos pela força moral e liderança do General Horta Barbosa. Como articulista e comunicador, Sodré não só utilizava a Revista do Clube Militar para defender a criação da PETROBRAS, como escrevia nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, tendo seus artigos republicados nos jornais alternativos dos grupos em campanha, por todo o país, o que o colocou em destaque face aos adversários dentro das forças armadas. Por toda sua vida

enfrentou perseguições com transferências para lugares remotos do país, verdadeiros exílios, apontado sempre pelos superiores hierárquicos, como comunista.

Tendo a chapa nacionalista encabeçada pelo General Estilac Leal sido derrotada na campanha seguinte à eleição do Clube Militar, Sodré é transferido para Cruz Alta, última guarnição do exército na fronteira do Rio Grande do Sul, durante cinco anos, sem direito a afastamento local, nem em período de férias. Anos mais tarde explicava o cuidado que tinha de remeter semanalmente para o *Correio Paulistano*, mais de uma crítica literária, para que nunca deixasse de ser publicada sua coluna semanal.

Nesse exílio, o fato que mais contribui para a elaboração de seu perfil, como militar e civil, é o interrogatório a que é submetido pelo Coronel Augusto Frederico de Araujo Correia Lima, Comandante do 6º Regimento de Artilharia Auto-Rebocado 75 em Cruz Alta, e que deveria exigir que o interrogado respondesse de próprio punho, para ser encaminhado ao Ministério da Guerra, com a avaliação do comandante encarregado do interrogatório. As perguntas deixam nítidas as suspeitas que pesavam contra o oficial exilado, enquanto as respostas expõem o caráter, capacidade intelectual e firmeza de princípios do interrogado:

—“Definições de Atitudes e Responsabilidades

Tendo em vista definir atitudes e responsabilidades, evitando explorações de mal intencionados, solicito esclarecerdes a maneira de pensar que vos anima nos seguintes pontos de vista, deixando vossa resposta nos espaços em branco, logo abaixo às respectivas perguntas:

1ª) Embora não abdicando da vossa condição de ser pensante, julgais caber a uma revista de classe (no caso a *Revista do Clube Militar*), tratar de assuntos que fogem à sua alçada, quando existem órgãos específicos que do trato desses assuntos se devem incumbir?

R. Julgo que cabe, – demais não acho que fujam à sua alçada. Acho que é até de seu dever tratar desses assuntos como o vem fazendo, em defesa dos mais altos e sagrados interesses do Brasil e do Exército.

2ª) Julgais constituir restrição à liberdade de manifestação do pensamento o fato de em uma revista de caráter técnico-profissional (no caso o militar) não se dever tratar de assuntos que nenhuma correlação possam ter com os profissionais, quando em outros órgãos de publicidade, especializados ou não, vos está assegurado esse direito?

R. Julgo – e acho que tais assuntos, – defesa dos interesses do Brasil e do Exército, – têm íntima correlação com os profissionais e não há maior dever profissional do que o de defender a sua Pátria.

3ª) Possuindo o Governo Brasileiro seus órgãos especializados são, as Forças Armadas o seu Estado Maior organizado, não vos parece dever estar afeito a esses órgãos, exclusivamente, o trato e a solução dos problemas relativos à Segurança Nacional e aos interesses imediatos das Forças Armadas?

R. Não me parece. A defesa da Pátria não é da alçada apenas do Estado Maior, – é dever diário e corrente de todos os patriotas e, acima de todos, os que, como militares, têm um compromisso nesse sentido.

4ª) Parecer-vos-á que, deixando a incumbência de tratar dos problemas relativos à Segurança Nacional, somente a esses órgãos do governo, isso implique em restrição à liberdade de manifestação de pensamento, uma vez que essa manifestação pode ser feita, sob responsabilidade pessoal, em qualquer órgão de publicidade que não se revista de feição militar e de órgão de classe?

R. Implica – demais seria ingenuidade deixar à imprensa assalariada a defesa da Pátria quando a vemos, diariamente, advogar os interesses do imperialismo, a cujo serviço se prestou.

5ª) — Não julgais atentar contra o espírito, o texto e os preceitos do Regulamento Disciplinar do Exército, estar a *Revista do Clube Militar* tratando de assuntos estranhos à sua finalidade que podem ocasionar interpretações capciosas e malévolas, assuntos esses, cujo trato é proibido por esse mesmo regulamento a que jurardes obedecer, como aos demais do Exército?

R. Julgo que não, – e tais assuntos não são estranhos à sua finalidade (ver Estatutos do Clube Militar), – mas estão dentro dessa finalidade a que não deve fugir: defender os interesses do Brasil e do Exército.

6ª) – Reafirmais a sinceridade de seu nacionalismo do qual decorre, logicamente, aspiração da mais completa liberdade econômica e política para o Brasil, sem a tutela de quem quer que seja, imperialistas tanto de direita, como de esquerda ou centro?

R. Sim, – e de acordo com o pensamento do Presidente da República, e Chefe das Forças Armadas, em seu discurso de 7 de setembro de 1951, definindo o imperialismo como o nosso inimigo externo.

7ª) – Declarais não serdes adepto de nenhum credo político extremista da esquerda ou da direita?

R. Declaro – e declaro mais que a campanha que procura confundir a defesa do Brasil com estes temas é impatriótica e paga por estrangeiros e que o Clube Militar, conforme programa constante do discurso de posse de seu presidente, o Exmo. Sr. Gen. Estilac Leal é a sentinela do Brasil.

No dia 21 de outubro de 1951, após essas respostas, o coronel comandante registra na documentação suas considerações sobre Nelson Werneck Sodre:

“Oficial possuidor de reais e pouco comuns méritos profissionais, psíquicos e morais. Sempre que puder esforçar me hei para que, no futuro, venha a servir comigo, porque é este oficial um precioso colaborador em todos os sentidos. Brilhante e modesto, cultíssimo e fino, compenetrado e muito correto. Cultura profissional notável e sólida. Cultura intelectual profunda e sistematizada. Oficial de Estado Maior completo. Espírito militar de colaboração. Capacidade de trabalho. Dedicção e lealdade. Educação e dignidade. Correção e coerência de atitudes retilíneas. Disciplina intelectual compreendida em ângulo estranho às conveniências e finalidades precípuas da disciplina militar. Grande senso de responsabilidade e de dignidade. Personalidade definida e ativa. Respeito pessoal à hierarquia militar. Liberdade intelectual sem quebra de sua lealdade de brasileiro. Obcecação doutrinária, apesar da grande acuidade intelectual de que é possuidor e da sua notável cultura geral. Hombridade. Na Revista do Clube Militar, intrometendo-se capciosamente, em política internacional, manifestou-se solidário a essa orientação e levando com sua maneira de pensar, embora não o fizesse deliberadamente, mais quatro capitães que, conjuntamente consigo, assinaram um documento de solidariedade àquela Revista. Não faz proselitismo expresso, mas como tem grande ascendência, pelo seu real valor profissional e cultural, o faz indiretamente, através de suas ideias, que sabe externar com muita clareza e convincente argumentação. Tem muito amor à responsabilidade, não se furtando a qualquer consequência decorrente de seus atos ou da manifestação, pura e simples, de suas ideias. Apesar de muito culto está um tanto obnubilado pela propaganda do “Polit Bureau” do Komitern de Moscou, porque vê imperialismo ianque por toda a parte e só

vê excelências, liberdades e democracia pelos ângulos pan-eslavistas do comunismo de fachada”.

No dia 20 de outubro de 1952, o Tenente Coronel Mário Malta, comandante do Quartel em Cruz Alta, completa Ficha de Informações sobre Nelson Werneck Sodré, da qual consta a relação de livros publicados, relatório de 18 itens, dos quais o último se intitula Juízo Sintético: *“Faço do Major Nelson Werneck Sodré o melhor juízo possível. É um profissional competente possuindo uma brilhante inteligência. Oficial leal, discreto, disciplinado e disciplinador e muito esforçado no serviço. Conceito numérico: Excepcional – 6”.*

Esses documentos, que dizem respeito à vida militar de Sodré, não integraram o acervo por ele entregue à Biblioteca Nacional em 1985. Por ocasião do seu centenário de nascimento em 2011, sua filha e herdeira, a psicóloga Dra. Olga Sodré fez doação desse material para completar o Acervo Nelson Werneck Sodré tendo, atualmente, disponibilizado para domínio público, a obra de seu pai.

Destacado como militar, sua atuação nas forças armadas levou-o ao generalato, com o respeito, como se verifica no material transcrito, da maioria do oficialato e de cabos e sargentos que atuaram como seus comandados, como consta de correspondência de 12 de outubro de 1995 de seu acervo, a carta de um ex- sargento de quem foi comandante, e que Sodré preparou para fazer concurso público para instituição civil. Mais de cinquenta anos após, já aposentado no cargo mais alto da carreira, o ex- sargento lhe relembra a relação que tivera com o antigo comandante, então tenente do Exército, declara-o inesquecível e mostra-lhe gratidão, relatando-lhe que dera o nome Nelson a seu primeiro filho.

Nos debates teóricos de determinados intelectuais do século XX, como os já citados, vê-se a concepção de que a validação da ciência seria determinada pelo teor de benefícios por ela acarretados para a humanidade, o que se verifica através de análises da realidade social, sem os subterfúgios da propaganda, dos discursos de uma realidade de fancaria. Para Sodré, o primeiro princípio de um intelectual deveria ser a verdade, denunciadora da anti- cultura, que são as situações humanas degradadas, nos países dominados, pela extorsão exorbitante de mais valia e rapinagem dos recursos naturais de territórios onde a própria população atinge níveis alarmantes de miséria. Analisando sua obra e sua história pública, sobressaem características metodológicas e vivenciais próprias dos intelectuais de sua geração que optaram pelo método do “Materialismo Histórico”, encontrando no estudo da realidade social dominante (explícita) e subjacente (oculta ou disfarçada), os instrumentos de produção

política, artística, filosófica, literária e as de denúncias das iniquidades da “divisão social do trabalho”. Como os cientistas sociais citados – Josué de Castro e Arthur Ramos, além de escritores como Graciliano Ramos, Dalcídio Jurandir e tantos literatos brasileiros, Nelson Werneck Sodré foi perseguido duramente pela repressão, tendo sido preso e cassado no Golpe Civil – Militar de 1964, após intensa atividade política em defesa dos recursos naturais do país. Nessa vivência se tornou uma das principais figuras do nacionalismo brasileiro, propugnando uma cidadania plena para todos os nascidos na América Latina, enquanto culturalmente buscava uma identidade entre os que defendiam o uso intransigente da teoria e da prática da dialética marxista, como metodologia de vida intelectual e cidadã. Condenando as práticas de ocultamento da realidade do desemprego e da miséria do capitalismo financeiro do mundo globalizado, escreveu artigos contra o neoliberalismo dos governantes mundiais, principalmente denunciando o Governo Fernando Henrique Cardoso como o grande “entreguista das riquezas brasileiras para o capital internacional”.

Do período de prisão em 1964, sua filha Olga Sodré me fez um relato ouvido do Coronel Comandante da Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, onde seu pai esteve preso:

“Chegando Sodré, transferido da prisão do Forte de Copacabana, o Comandante, que fora seu aluno na ECEME, vai recebê-lo e lhe presta continência com as palavras: Meu General, o senhor não irá para cela de prisioneiro, mas ficará hospedado no alojamento destinado ao Comandante, onde ele terá todo o conforto! Amavelmente Sodré mostra-lhe que, não estando fardado, o coronel não lhe pode fazer continência. Em seguida agradece a gentileza e lhe diz que ele Coronel cumpra as ordens de seus superiores hierárquicos e que ele não recebe tratamento diferenciado de seus companheiros presos, todos inocentes, sendo punidos apenas por defenderem a nação. Pede-lhe porém que estenda aos companheiros todos os favores que lhe forem concedidos. Entre papeis de seu acervo encontrei uma folha rasgada de uma revista, com fotografia da Fortaleza de Santa Cruz. Na margem da folha se lê em letra de próprio punho: Aqui estive preso pelo crime de defender a soberania de meu país.”

Autor de livros como a *História da Imprensa no Brasil*, atribuía aos meios de comunicação o papel de manipulação da notícia em função de alienar a população para tornar impossível ao homem comum a compreensão da realidade em que vive, tornando-se peão num xadrez de jogos de interesses de base econômica, política e cultural, sempre a serviço da

dominação. Para ele, desde que a imprensa se tornou empresa em busca de lucro, desaparecem grandes jornais opinativos e jornalistas famosos pelas causas defendidas e sua comunicação com o leitor. Tratando o jornal escrito falado ou televisionado, como divulgador do “produto econômico notícia”, veicula-se esta como mais uma mercadoria lucrativa, eliminando-se sua função informativa para esclarecimento do leitor sobre a realidade de seu tempo, numa intencionalidade perversa de produção de um ser alienado. Esse livro é resultado da primeira e maior pesquisa sobre a imprensa no Brasil, feita em mais de trinta anos, durante os quais Sodré percorreu redações de jornais e frequentou hemerotecas em todas as cidades onde serviu como militar, mas principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Reeditado em 5ª edição pela INTERCOM (Associação de imprensa e jornalismo) em 2011, como Homenagem ao Centenário de Nelson Werneck Sodré, é obra obrigatória nas Escolas de Comunicação no país. Para a 4ª edição Sodré escreveu uma longa Introdução analisando detidamente a imprensa, principalmente a brasileira, nos últimos anos do século XX, não tendo porém a felicidade de vê-la impressa em 1999, como obra póstuma.

Passando para a reforma como general, Sodré vai desenvolver outra de suas paixões, o exercício do magistério de história, à frente do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, coordenando a série História Nova, preparando dezenas de alunos para a orientação de um novo método de escrever História, superando a rotina da História fatural, cronológica e louvatória de grandes heróis, predominante no Brasil da época. Nessa instituição, criada no Governo Café Filho e integrante do Ministério de Educação, se travou, principalmente a partir de 1961, acirrado debate sobre nacionalismo e desenvolvimentismo, fraturando ideologicamente em blocos professores e alunos, de diferentes especializações, defendendo o grupo seguidor de Sodré (Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos e Roland Corbisier) soluções nacionais para os desafios da sociedade brasileira, enquanto o outro grupo (Hélio Jaguaribe e Roberto Campos os mais notórios) defendia a presença do capital estrangeiro no desenvolvimento do processo desenvolvimentista do país. Como nos tempos da campanha em defesa do petróleo, no ISEB também se viveu a prática acusatória entre comunistas e entreguistas, havendo ainda um grupo mais radical, que considerava Sodré um moderado, porque este defendia um papel para a burguesia e militares brasileiros, na luta nacionalista pelo soerguimento do Brasil.

O grupo que se auto nominava nacionalista, embora se constituísse de pessoas que se identificavam na luta pela autonomia política, econômica e militar do Brasil, em oposição aos classificados como entreguistas, recebe perseguição contínua através das manifestações de

violência, de repressão do Estado. No interior dos grupos nacionalistas no entanto não há unidade quanto ao conceito de nação. Nelson Werneck Sodré se identifica como marxista nacionalista, explicando a categoria:

“Partimos, desde logo, de definição do que é nacional, para que não haja dúvida: só é nacional o que é popular. A nação para nós é, é o povo e não apenas território. Ela foi construída, em processo histórico, isto é, pela acumulação, ano a ano, século a século, de tudo aquilo que, em nós, representou trabalho e sacrifício, tudo aquilo que foi resultado do esforço coletivo, tudo aquilo que, depois de quatro séculos, aproximando-se do quinto, chegou a moldar a fisionomia atual do país: a sua grandeza geográfica, as suas tradições, o seu povo.” [3]

É como escritor e jornalista que Sodré mais se projeta e mostra erudição, em livros como *O Que Se Deve Ler Para Conhecer o Brasil; Memórias De Um Escritor, Formação da sociedade brasileira, A ideologia do colonialismo, O naturalismo no Brasil, Fundamentos da estética marxista, Síntese da história da cultura brasileira, Literatura e história no Brasil, Ofício de Escritor* e centenas de artigos sobre crítica literária, a exemplo do que desenvolveu na *Revista Civilização Brasileira*, no período da ditadura. No livro *Ofício de Escritor* o autor desenvolve método pedagógico para falar da “arte de escrever”, levando-nos ao mundo literário e às técnicas e regras para alguém se tornar um artista literário, fazendo exposição da crise que se processa na passagem da realidade para uma realidade ficcional. Para ele, o domínio da língua é fator determinante para o escritor que deve ter também a percepção dos fenômenos sociais, incorporando em sua criação a realidade do meio em que vive. Portanto, deve conhecer profundamente aquilo que pretende transpor para a literatura, utilizando o escritor a linguagem culta, considerando ainda os aspectos entre aquele que escreve e aquele que lê. Em suma, para o autor *“A literatura é uma arte que, utilizando palavras, visa interpretar a realidade de forma compreensível à generalidade dos homens”*. [4]

Na coluna Crítica literária nos anos 30 e 40 do *Correio Paulistano*, Sodré faz resenha biográfica, comentando a superficialidade de biógrafos brasileiros que se atêm à exaltação do personagem biografado, em vez de pesquisarem exaustivamente o contexto social em que este viveu. Em seus livros *Memórias de um escritor* e *Memórias de um soldado*, o autor não mergulha na intimidade de seu próprio mundo familiar, não pretendendo escrever sua autobiografia, mas exatamente as memórias de suas atividades vividas na singularidade de

uma vida civil-militar, mostrando as estratégias de sobrevivência entre dois mundos aparentemente antitéticos.

Vivendo agudamente o século XX, escreve em *Memórias de um escritor*:

“Nasci em 1911; tinha três anos, ao irromper a Primeira Guerra Mundial; seis, quando surgiu a Revolução de outubro; sete, quando terminou a guerra; onze, quando o Brasil completou um século de vida independente (sendo, entretanto, tão dependente ainda). Vivi o tempestuoso período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com todas as manifestações de renovação econômica, política, social, artística, e também as de desespero, a busca angustiada da originalidade, em arte, e a luta violenta pelo poder; vivi o mundo em que viveram o Kaiser Guilherme II, da Alemanha, o Imperador Francisco José, da Áustria-Hungria, Clemenceau, Poincaré, Chamberlain, Lloyd George, o Czar Alexandre II, o presidente Wilson, Sun Yat Sen, Lênin, para chegar à fase em que viveram Hitler, Mussolini, Roosevelt, Stálin. No Brasil atravessei justamente o tempestuoso período do tenentismo, na agonia da República oligárquica; do Modernismo, em literatura e nas artes; da Revolução de 1930, do movimento de 1932, do levante de 1935, da ditadura do Estado Novo, do putsch de 1938, da Segunda Guerra Mundial e de nossa participação nela; da reconstitucionalização e das lutas políticas subsequentes, com os golpes e tentativas de golpe de 1945, de 1954, de 1955, de 1961, de 1964, da ditadura militar então instaurada. Tive a oportunidade de conhecer o passado, relativamente distante, em depoimentos orais de testemunhas: conheci a Guerra do Paraguai na narrativa fluente e calorosa de Barbosa Martins; a vida do Império, segundo as reminiscências de minha bisavó Francisca de Almeida Lemos, que faleceu quase centenária e absolutamente lúcida; a escravidão pelos depoimentos de antigos senhores e particularmente de antigos escravos. Assisti às grandes transformações por que o Brasil passou neste século; as mudanças têm sido profundas, mal nos damos conta de quão profundas têm sido. E o mundo, então, nem se fala: somos, ao mesmo tempo, em épocas assim, contemporâneos do passado e do futuro. Como assisti a tudo com muita atenção e, no que diz respeito ao Brasil, com muita participação, suponho ter o que contar.” [5]

Referências Bibliográficas

1. REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. Coimbra: Livraria Almeida, 1976, p.83-84.
2. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Nelson Werneck Sodré: um perfil intelectual*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Maceió: EDUFAL, 2011
3. SODRÉ, Nelson Werneck; ALVES, Ivan. *Tudo é Política*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1998, p.23.
4. SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofício de Escritor: dialética da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1965, p.33.
5. SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1970, p.15.